O CANTO DO SANNYASIN 2015

Por um devoto de Sri Ramakrishna, do Rio de Janeiro

(Traduttore Traditore)

Fazia tempo que eu já havia caído de amores por Vivekananda. O livro *'Reminiscences of his Eastern and Western Disciples'* e a monumental obra de Sister Gargi (Marie Louise Burke), *'Swami Vivekananda in America – New Discoveries'*, em 6 volumes, revelaram-me detalhes emocionantes de sua epopeia no ocidente. Impossível ficar indiferente ao gigante da neo-Vedanta. Swamiji tornou-se um outro ídolo para mim, junto com o amado Swami Brahmananda.

Era o ano de 1993 e aproximava-se o aniversário de nascimento de Vivekananda. Fui literalmente tomado de profunda e amorosa inspiração para fazer-lhe alguma homenagem e resolvi traduzir seu famoso poema *'The Song of the Sannyasin'*. Sem qualquer qualificação em linguística, mas muito entusiasmado com o desafio, debrucei-me sobre as versões em inglês e espanhol e pus mãos à obra. Deus sabe lá o porquê, considerei com meus botões que o mote ao final de cada estrofe – valente Sannyasin! – mereceria outros sinônimos que revelassem a precisa dimensão da grandiosidade do monge renunciante. Assim, como o poema contém treze *slokas*, tive que garimpar outros doze sinônimos para o adjetivo qualificativo 'valente' – intrépido, valoroso, bravo, pertinaz, denodado, indômito, arrojado, destemido, ousado, corajoso, estóico e audaz. Foi minha singela forma de reverenciar devidamente os seres superiores que renunciam às coisas que nós, mundanos, nos apegamos: glória, dinheiro, renome, prazeres sensoriais e outras. Além do mais, estávamos sob o impacto do retorno à Índia do querido Swami Paratparananda, que não deixou rastros em sua nova vida de monge errante. Um exemplo vivo do cântico ao Sannyasin.

Então, uma ou outra crítica surgiu sobre a pluralidade de adjetivos que utilizei, e passei a me questionar sobre a liberdade do tradutor à fidedignidade do original. Afinal, foi ingenuidade minha deixar-me dominar pelo encantamento com Vivekananda e alterar o texto?

Carreguei essa culpa até dias atrás quando recebi nossa revista Vedanta Kesari de agosto. O artigo '*A Lifelong Influence and Contribution',* sobre o Pandit M. Gopalakrishna Iyer, mais conhecido como Ma. Ko, trouxe-me consolo. Jovem ainda, Ma. Ko. conheceu Vivekananda e, igualmente fisgado pelo anzol do amor, resolveu traduzir para o tâmil o famoso poema em pauta.

Transcrevo abaixo, *ipsis litteris*, um pequeno trecho do artigo:

"A tradução do 'Canto do Sannyasin' feita por Ma.Ko., foi prova do quanto ele fora atraído pela magnética personalidade de Swamiji. Swami Vivekananda termina cada uma das treze stanzas com o refrão – Sannyasin valente! Diga, 'Om Tat Sat Om'. Usando sua criativa mestria, Ma.Ko. atribui 13 diferentes traduções para a frase 'Sannyasin valente! ' Obviamente, foi a vibrante e dinâmica personalidade do próprio Swamiji que deve ter inspirado Ma. Ko. quando ele traduziu o 'Canto do Sannyasin'. Enquanto Swamiji referiu-se ao Sannyasin como valente, em geral, Ma. Ko. fez uso de vários sinônimos poderosos, fazendo-nos sentir que ele não tinha em mente um Sannyasin comum, mas o próprio leão entre os Sannyasins – Swami Vivekananda! "

Exatamente o que eu sentira, havia 22 anos. Fiquei sorrindo de orelha a orelha, embora impregnado de genuína humildade. Finalmente descobrira um parceiro espevitado, atrevido, petulante, metido, audacioso, opiniático, resoluto, presunçoso, cabeça-dura, emproado, convencido, decidido, turrão e.... chega!

O CANTO DO SANNYASIN

SWAMI VIVEKANANDA

Faze vibrar o canto!

Lá longe, aonde mácula alguma do mundo jamais chegou,

Nas cavernas das montanhas e nas clareiras das frondosas selvas,

Cuja calma nenhuma ânsia por luxúria, fama ou fortuna

Atreveu-se jamais a turvar, lá, onde fluía a torrente

De sabedoria, de verdade, e a bem-aventurança que as acompanha.

Canta alto este mantra - intrépido Sannyasin! – dize:

"Om Tat Sat, Om! "

Rompe teus grilhões! Laços que te atam

De ouro reluzente ou de metal ordinário,

Amor, ódio, bem, mal, e todas as demais dualidades.

Sabe: Escravo é escravo acariciado ou açoitado, nunca liberto.

Pois algemas, embora de ouro, nem por isso

Menos fortes são ao encadear.

Então, fora com elas – valoroso Sannyasin! – dize:

"Om Tat Sat, Om! "

Dissipa a obscuridade! Fogo fátuo que agrega,

Com luz tremeluzente, mais sombra sobre sombra.

Extingue para sempre esta sede de vida que arrasta

A alma, de morte a nascimento, de nascimento a morte.

Conquista tudo, aquele que conquista a si mesmo. Sabe isto
E não te rendas jamais – bravo Sannyasin! – dize:
“Om Tat Sat, Om! ”

“Quem semeia colhe” – dizem – e a causa trará
O inevitável efeito:
O bem, bem, o mal, mal, e ninguém
À lei escapa. Pois quem quer que tome uma forma
Tem que aceitar os grilhões. Absolutamente certo! Contudo, mais além
De nome e forma está o Atman, sempre livre.
Sabe que tu és Aquele – pertinaz Sannyasin! – dize:
“Om Tat Sat, Om! ”

Ignoram a verdade aqueles que sonham sonhos tão frívolos
Como pai, mãe, filhos, esposa e amigo.
O Eu Supremo, assexuado, de quem é pai, de quem filho?
De quem amigo, de quem inimigo é Ele, que não é senão o Uno?
O Eu Supremo é o todo em tudo, ninguém mais existe.
E tu és Aquele – valente Sannyasin! – dize:
“Om Tat Sat, Om! ”

Só existe Um: o Liberto, o Conhecedor, o Eu Supremo!
Sem nome, forma ou nódoa.
Nele está Maya, sonhando todo este sonho.
Ele, a Testemunha, manifesta-se como natureza e espírito.
Sabe que tu és Aquele – denodado Sannyasin! – dize:

“Om Tat Sat, Om! ”

Onde buscas? Aquela liberdade, amigo, nem este mundo
Nem o outro te podem dar. Vã é tua procura
Em livros e templos. É só tua a mão que agarra
A corda que te arrasta. Cessa, portanto, teu lamento.
Solta a amarra – indômito Sannyasin! – dize:
“Om Tat Sat, Om! ”

Dize: Paz a todos! De mim não haja risco
Para qualquer ser vivo. Nos que habitam as alturas e
Naqueles que rastejam pelo chão, eu sou o Eu Supremo!
Renuncio a toda vida aqui e além,
A todos os céus, terras e infernos, a todas as esperanças e temores.
Corta assim todos os teus laços – arrojado Sannyasin! – dize:
“Om Tat Sat, Om! ”

Não te importes mais como este corpo vive ou morre.
Tua tarefa está feita. Deixa que Karma te conduza em sua corrente.
Que alguém te ponha guirlandas e outro te maltrate
Esta carcaça – nada digas! Não pode haver elogio ou vitupério
Onde o que elogia e o elogiado, o caluniador e o caluniado são Um.
Sê, assim, tranquilo – destemido Sannyasin! – dize:
“Om Tat Sat, Om! ”

A verdade nunca medra onde habitam luxúria, fama
E cobiça de lucro. Nenhum homem que pensa em mulher
Como esposa pode ser perfeito.
Tampouco aquele que possui o mais ínfimo bem, nem
Aquele ao qual a ira subjuga pode trespassar as portas de Maya.
Portanto, abandona tudo isso – ousado Sannyasin! – dize:
"Om Tat Sat, Om! "

Não tenhas casa. Que lar te pode conter, amigo?
O céu é teu teto, a relva teu leito e, alimento,
Aquele que o acaso te traga – bem ou malcozido – não o julgues.
Comida ou bebida alguma corrompem aquele nobre Eu Supremo
Que se conhece a Si Mesmo. Tal como um rio impetuoso e livre,
Sê sempre tu mesmo – corajoso Sannyasin! – dize:
"Om Tat Sat, Om! "
Raros são os que conhecem a Verdade. Os demais te odiarão
E rir-se-ão de ti – ó Grande! – mas não lhes faça caso.
Vai – ó Livre! – de lugar em lugar e ajuda-os
A sair da obscuridade do véu de Maya.
Sem temer a dor e sem buscar prazer,
Transcende a ambos – estoico Sannyasin! – dize:
"Om Tat Sat, Om! "

Assim, dia após dia, até que exaurido o poder de Karma,
Libera tua alma para sempre. Não mais nascimento!
Nem eu, nem tu, nem Deus, nem homem! O "Eu" tornou-se o Todo,
O Todo é o "Eu", é Beatitude, Bem-aventurança.

Sabe que tu és Aquele – audaz Sannyasin! – dize:

“Om Tat Sat, Om! ”

No verão de 1895, Swami Vivekananda passou sete semanas numa casa de campo em Thousand Island Park, Nova Yorque, acompanhado de doze discípulos ocidentais.

Lá, rodeado pela bucólica paz da ilha, em pleno rio São Lourenço, os dias transcorreram numa atmosfera carregada de profunda espiritualidade.

Os temas mais abstrusos da metafísica religiosa hindu, os textos sagrados dos Vedas, Puranas e Upanishads, o Novo Testamento, o pensamento de Shankara, de Ramanuja e Madhva, entremeados com preciosas lições do dia a dia, eram transmitidos pelo Swami, ora em tom solene, ora em jocosas brincadeiras, sem que o passar das horas fosse sentido. Era como se o Fogo Pentecostal houvesse baixado e, através das asas arrebatadoras do Swami, alçasse todos às suas originais alturas: o Absoluto!

Certo dia, o Swami exaltava empolgadamente as excelências e glórias da vida dos que usam o manto ocre da renúncia, entregues completa e confiantemente ao deus-dará, quando, subitamente, retirou-se aos seus aposentos. Voltou, mais tarde, com o manuscrito que compusera naquele arroubo inspirador: nascera ali o “Canto do Sannyasin”. Ao trazer a vernáculo esta ode ao monge errante, o Grupo de Estudos Ramakrishna Vedanta RJ rende sua homenagem a todos os Sannyasins que vagam por paradeiros desconhecidos na Índia.

Glória a Sri Ramakrishna! Glória a Sri Sarada Devi! Glória a Swami Vivekananda!

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1993. (Aniversário de Swami Vivekananda)

Escrito, traduzido e editado por um dos pioneiros da Vedanta no Rio de Janeiro – Brasil.